

## O RETORNO DO SNIPER WALI: “A GUERRA É UMA DECEPÇÃO TERRÍVEL”

Por Tristan Péloquin\*



*O sniper canadense Wali (Olivier Jean/La Presse).*

*Como Wali, a maior parte dos combatentes estrangeiros na Ucrânia saíram desapontados, atolados no lamaçal da guerra sem sequer estar na linha de frente uma única vez.*

Dois meses depois de responder ao chamado do presidente Volodymyr Zelensky, o sniper Wali está de volta a Quebec – ileso, embora quase tenha morrido “várias vezes”. Mas a maioria dos combatentes estrangeiros que visitaram a Ucrânia como ele saíram amargamente desapontados, atolados no lamaçal da guerra sem sequer ter estado na linha de frente uma única vez.

“Tenho sorte de ainda estar vivo, chegou muito perto”, disse o ex-soldado do *Royal 22<sup>e</sup> Régiment*, em entrevista ao La Presse em sua casa na região metropolitana de Montreal.

Sua última missão na região de Donbass, em uma unidade ucraniana que apoiava soldados recrutados, precipitou um pouco seu retorno. No início da manhã, quando acabava de se posicionar perto de uma trincheira exposta ao fogo dos tanques russos, dois dos recrutas saíram da cobertura para fumar um cigarro. “Eu disse a eles para não se exporem assim, mas eles não me ouviram”, diz Wali. Um tiro “altamente preciso” de um tanque russo explodiu ao lado deles. A cena descrita pelo *sniper* é de gelar o sangue. “Eles explodiram. Eu vi os estilhaços passando como *lasers*. Meu corpo ficou tenso. Eu não conseguia ouvir nada, imediatamente tive uma dor de cabeça. Foi realmente violento.”

Ele imediatamente entendeu que não havia nada a ser feito por seus dois irmãos de armas ucranianos que haviam sido duramente atingidos. “Cheirava a morte, é

difícil descrever; é um cheiro macabro de carne carbonizada, enxofre e produtos químicos. É tão desumano, esse cheiro.”

Sua esposa, que deseja permanecer anônima, diz que ele ligou para ela no meio da noite cerca de uma hora depois. “Ele estava tentando me explicar que houve duas mortes. Ele disse: ‘Acho que já fiz o suficiente, hein? Já fiz o suficiente?’ Parece que ele queria que eu dissesse para ele voltar, ela diz. Ele estava terrivelmente calmo.”

No final, sua vida familiar venceu o desejo de ajudar os ucranianos, diz Wali. “Meu coração parece estar voltando para a frente [de combate]. Ainda tenho a chama. Gosto do teatro de operações. Mas eu forcei a sorte. Não tenho lesões. Digo a mim mesmo: até onde posso rolar os dados? Não quero perder o que tenho aqui”, diz o jovem pai, que perdeu o primeiro aniversário do filho enquanto estava na frente.

Depois de passar dois meses na Ucrânia, Wali faz uma avaliação “bastante decepcionante” do envio de combatentes voluntários ocidentais, que começou no início de março, após a chamada do presidente Volodymyr Zelensky. O número de voluntários que atenderam – mais de 20.000, segundo diferentes estimativas – foi tão grande que o governo ucraniano teve que estabelecer com urgência a Legião Internacional para a Defesa Territorial da Ucrânia em 6 de março.

Mas para a maioria dos voluntários que apareceram na fronteira, ingressar em uma unidade militar foi um aborrecimento. Ele e vários outros ex-soldados canadenses inicialmente preferiram se juntar à Brigada Normanda, uma unidade voluntária privada baseada há meses na Ucrânia, liderada por um ex-soldado de Quebec cujo nome de guerra é Hrulf.

A dissensão rapidamente se instalou entre as tropas e muitos combatentes desertaram da Brigada Normanda.

Três pessoas que pediram anonimato disseram à La Presse que as promessas de armas e equipamentos de proteção feitas pelo chefe da Brigada Normanda nunca se concretizaram. Alguns voluntários se encontravam a cerca de 40 quilômetros da frente russa sem nenhum equipamento de proteção. “Se houvesse um avanço russo, todos estariam em risco. Foi uma atitude irresponsável por parte da Brigada”, diz um dos seus ex-militares, que pediu que o seu nome fosse omitido por motivos de segurança.

## TRAÍÇÃO E IMPACIÊNCIA

O comandante da Brigada Normanda, que também nos pediu para omitir seu nome verdadeiro por razões de segurança, confirma que foi abandonado por cerca de sessenta combatentes desde o início do conflito. Vários deles queriam assinar um contrato que lhes garantiria um *status* sob a Convenção de Genebra, bem como garantias de que seriam tratados pelo Estado ucraniano em caso de lesão. Hrulf afirma que alguns até “planejaram” tomar dele um carregamento de armas de US\$ 500.000 fornecido pelos americanos, a fim de criar sua própria unidade de combate.

“Tem caras que estavam com pressa de ir para a frente sem sequer terem passado pelo menor controle de segurança. Os ucranianos nos testaram e só agora começamos a receber mais missões. Há um elemento de confiança que precisa ser construído, e isso é completamente normal”, diz Hrulf.

## UMA “DECEPÇÃO TERRÍVEL”

“Muitos combatentes voluntários esperam chegar e estar prontos para o combate, mas a guerra é o contrário, é uma decepção terrível”, resume Wali. Junto com outro soldado de infantaria de Quebec apelidado de Shadow, o sniper de Quebec acabou se juntando a uma unidade ucraniana lutando na região de Kiev.

Mas, novamente, encontrar uma arma para lutar era um exercício kafkiano. “Você tinha que conhecer alguém que conhecesse alguém que lhe dissesse que ‘naquela velha barbearia lhe dariam um AK-47’. Você tinha que mexer em um *kits* de soldados pegando peças e munições à esquerda e à direita, em muitos casos com armas em mais ou menos boas condições”, diz ele.

Depois de algumas semanas em território ucraniano, alguns soldados ocidentais mais experientes acabaram sendo recrutados pela Diretoria de Inteligência Militar da Ucrânia, e agora participariam de operações especiais atrás das linhas inimigas, segundo um deles.

Outros, menos experientes, “pulam de um *Airbnb* para outro” enquanto esperam ser recrutados por uma unidade que os leve para a frente, diz Wali. A maioria, no entanto, decidiu voltar para casa, dizem várias pessoas entrevistadas para este artigo. “Muitos chegam à Ucrânia com o peito estufado, mas saem com o rabo entre as pernas”, diz Wali.

No final, ele mesmo disse que só disparou duas balas das janelas “para assustar” e nunca chegou ao alcance de um tiro inimigo. “É uma guerra de máquinas”, onde os “extremamente corajosos” soldados ucranianos sofrem perdas muito pesadas com os bombardeios, mas “perdem muitas oportunidades” de enfraquecer o inimigo por falta de conhecimento técnico militar, resume. “Se os ucranianos tivessem os procedimentos que tínhamos no Afeganistão para se comunicar com a artilharia, poderíamos ter causado uma carnificina”, acredita.

Mas Wali não esconde seu desejo de voltar para lá apesar de tudo. “Nunca se sabe quando os combatentes estrangeiros farão a diferença. É como um extintor de incêndio: é inútil até alguma coisa pegar fogo.”

*Publicado no La Presse.*

---

*\*Tristan Péloquin é jornalista investigativo do periódico canadense “La Presse”, onde ingressou em 2002 como repórter da seção geral e escreveu sobre temas do noticiário por sete anos. Em 2009 tornou-se o primeiro vídeo-repórter do jornal, produzindo dezenas de reportagens visuais pelas quais foi indicado a diversos prêmios.*

---